

28 de julho de 2017

- **SJC - Lei da Inovação e fomenta surgimento de startups***
- **OGMA envia peças para montar segunda aeronave militar KC-390 no Brasil***
- **DoD slashes AMRAAM missile buy as Raytheon struggles with tech refresh**

SJC - Lei da Inovação e fomenta surgimento de startups*

Por Júlio Ottoboni

A mudança do eixo econômico de uma cidade industrial para o segmento de serviços tem mobilizado a prefeitura de São José dos Campos para se adequar as novas exigências e buscar soluções criativas para manter seu crescimento tecnológico, inclusive com aproveitamento das capacidades existentes no lugar. Isso sem se desviar da vocação aeroespacial do município. Inclusive a intenção é fortalecer essa área.

A cidade terá com uma lei especial instituindo o Programa de Incentivo à Inovação Científica, Tecnológica e Sustentável. O objetivo tanto estimular como fomentar a

criação de startups e iniciativas de desenvolvimento tecnológico na cidade. A lei proposta pela prefeitura foi aprovada por unanimidade pelos vereadores.

A intenção é transformar a cidade num dos principais centros de inovação do país, além de oferecer incentivos às empresas já instaladas e captar outros interessados em vir para o município.

As primeiras ações neste sentido foram dadas com o projeto Startup São José, no último dia 27 de abril. Numa parceria com a startup Quero Educação, voltada para o segmento educacional, foi realizado na cidade o 1º Parahyba Valley – Startup Meeting. O encontro reuniu 60 jovens líderes do ramo.

A Lei de Inovação criará facilidades para os novos investidores, além de avaliar e testar as aplicações de projetos inovadores de startups e implementar os projetos em obras e serviços públicos locais. A intenção é ter ambientes favoráveis que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população e o desenvolvimento da empresa.

O programa ficará sob a coordenação da Secretaria de Inovação e Desenvolvimento Econômico. Segundo a prefeitura, o município não terá despesas com a nova lei. Já que os projetos serão disponibilizados para testes sem custos e sem a obrigatoriedade de contratação posterior do serviço.

Os projetos serão aprovados pela Prefeitura por meio de uma comissão específica e receberão, após os testes, um atestado de capacidade técnica e funcionalidade. O programa Startup São José é ligado à prefeitura e se encontra na fase de implantação de uma futura sede, que será no Parque da Cidade Burle Marx.

Professores do Laboratório Líder do Centro de Educação Empreendedora (Cedemp), da Secretaria Municipal de Educação, se encontram em treinamento sobre

empreendedorismo para aplicarem essa nova disciplina em sala de aula a partir de agosto.

Os estudantes do 9º ano das escolas de ensino fundamental serão o público alvo desta ação. O Laboratório Líder visa realizar atividades interativas educacionais que desenvolva o lado pessoal do aluno tendo como meta a melhoria de habilidades como comunicação e liderança.

O treinamento é voltado para discussões sobre a importância de ser um empreendedor nas diversas áreas. O objetivo é estimular o empreendedorismo para atividades cotidianas. Ações neste sentido também ocorrerão neste segundo semestre com alunos do 5º ano dentro de oficinas especializadas.

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 27 de julho

Link: <http://www.defesanet.com.br/sjc/noticia/26551/SJC----Lei-da-Inovacao-e-fomenta-surgimento-de-startups/>

OGMA envia peças para montar segunda aeronave militar KC-390 no Brasil*

Por Manuel Carlos Freire - DIÁRIO DE NOTÍCIAS (PORTUGAL)

A OGMA iniciou o envio para o Brasil dos componentes destinados ao segundo KC-390 a ser montado de série e um dos 28 destinados à Força Aérea Brasileira, informou a empresa esta quarta-feira. Estas aeronaves de transporte militar, em cuja concepção Portugal participa desde o início e como principal parceiro do fabricante brasileiro

Embraer, são apontadas como as grandes sucessoras dos lendários Hércules C-130 a nível mundial.

Portugal é precisamente um dos países que vai adquirir aqueles aparelhos, inicialmente cinco e com opção de compra de mais um, para substituir a sua frota de C-130 e respetivas missões, com destaque para as do transporte e lançamento de tropas e carga, busca e salvamento ou evacuações aeromédicas - a que se juntam as do combate a incêndios e reabastecimento em voo.

Na OGMA são produzidos os 10 painéis que compõem a fuselagem central do KC-390, bem como os lemes de profundidade, as carenagens do trem de aterragem e os painéis que formam o seu revestimento, precisou a OGMA, lembrando que os componentes destinados ao primeiro dos aparelhos produzidos em série foram enviados há pouco mais de meio ano para a fábrica da Embraer em Gavião Peixoto.

"A entrega do segundo kit de componentes para a produção em série do KC-390 espelha a competência técnica e humana da OGMA no domínio das aeroestruturas e sublinha o papel que vem desempenhando desde o arranque do projeto para que o KC-390 seja um marco incontornável no panorama aeronáutico internacional", afirmou Ana Isabel Fernandes, chefe da área de operações da empresa de Alverca.

O protótipo do KC-390, em cujo consórcio participam também a Argentina e a República Checa, foi apresentado em 2014 e o seu primeiro voo ocorreu em fevereiro de 2015. O programa foi afetado por restrições financeiras decorrentes da crise no Brasil, provocando atrasos de vários meses na sua produção, mas manteve-se e Portugal foi o primeiro país fora do Brasil a receber a aeronave (junho de 2016).

Note-se que a OGMA é uma empresa em que o Estado detém 35% do capital e a Embraer 65%, desde a sua privatização - decidida pelo então ministro da Defesa Paulo Portas -

em 2005. Atualmente com mais de 1700 trabalhadores, a OGMA registou um volume de negócios de 195,4 milhões de euros no ano passado, segundo dados da empresa.

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 27 de julho

Link: <http://www.defesanet.com.br/kc390/noticia/26562/OGMA-envia-pecas-para-montar-segunda-aeronave-militar-KC-390-no-Brasil/>

DoD slashes AMRAAM missile buy as Raytheon struggles with tech refresh

Por Valerie Insinna

WASHINGTON — When an F/A-18E/F Super Hornet took down a Syrian Sukhoi Su-22 in June — the U.S. military's first air-to-air kill in nearly 20 years — it launched an AIM-120 AMRAAM missile, a mainstay of the Navy and Air Force's weapons inventory since it came online in the early 1990s.

But after decades of continued production, the AMRAAM is facing obsolescence problems, and Raytheon, its manufacturer, has fallen behind on a technology refresh due to problems developing an integrated circuit.

The AMRAAM's obsolescence upgrade, called Form, Fit, Function Refresh (F3R), affects 15 circuit cards that comprise about half of the missile's guidance section, according to Air Force documents obtained by Defense News. The key component at fault for the delays is the application specific integrated circuit (ASIC), a processor that will be used

to execute the missile's software, the Air Force confirmed in response to emailed questions.

The Air Force and Navy are hopeful that Raytheon can resolve design issues connected to ASIC, which has required more troubleshooting than expected to meet objectives. However, both services have cut their planned buy for fiscal year 2018 by hundreds of missiles, and a key test has been delayed by more than a year.

Raytheon is responsible for designing ASIC, which will eventually be fabricated by one of the company's suppliers. No other alternatives for this component exist, the Air Force said.

"There was an issue with one component that was critical to the upgrade that delayed us a bit, and we had to re-plan elements of that," Mike Jarrett, Raytheon's vice president of air warfare systems, said during a June interview at Paris Air Show.

While Jarrett said the company had figured out a fix and that "everything is on track," he declined to specify how Raytheon had solved the problem, citing customer sensitivities.

The Air Force was more loquacious. To bridge production in the short term, Raytheon will need to make modifications to the current navigation assembly, which contains obsolete parts that can no longer be purchased, the service said.

Raytheon is also designing a new simulator to drive down risk.

"Once the simulation has been used to assess performance against program requirements, there will be sufficient data available to make a fabrication go-ahead decision," the Air Force said.

In the best case scenario, a working F3R guidance section will complete the Interim Test Readiness Review — a key assessment of whether the F3R modifications meet requirements — in January 2019, a full year and a half after the initial July 2017 target date.

That delay effects other key dates. Raytheon will now cut the F3R changes into its production line in FY2019, according to budget documents, with first deliveries taking place in FY2021.

As a result of the lagging progress on F3R, both the Air Force and Navy opted to slow roll their AMRAAM acquisition in fiscal 2018.

Compared to the five year plan put forward with the fiscal year 2017 budget, the Air Force FY2018 budget request includes 183 fewer AMRAAM missiles for that year. The 2017 Future Years Defense Plan (FYDP) shows the Air Force buying 388 AMRAAMs in 2018, but the service ended up requesting only 205 missiles.

The Navy similarly opted to request a smaller number of AMRAAMs in FY18 than it believed it would need in FY17. Its FYDP in 2017 predicted the service would request 247 AMRAAMs in FY18. Instead, it intends to buy only 120 units in 2018 — less than half of its planned order.

Both the Navy and Air Force plan to increase their buy rate in FY19, when the F3R upgrades are slated to be finalized. But in June, Lt. Gen. Arnold Bunch, the Air Force's top uniformed acquisition official, told Defense News that he wants to see Raytheon improve its performance before increasing funding for more AMRAAMs.

"I need to see the program progress before I would procure more weapons," he said in a June interview. "It's very complicated. We know it's very complicated. [Raytheon is] committed to taking care of it, but I'm just not comfortable right now that I would want

to put additional procurement [funds] into it and put more stress on what I'm already trying to do."

Members of Congress have made note of the lower quantities, but service officials have made clear they have no intention of throwing money at the problem. At a House Armed Services Committee hearing in June, Rep. Tom O'Halleran, D-Ariz., asked about whether issues could be resolved by funneling additional dollars into the program.

"If Congress were to add funding, could it be used to buy more missiles, or are you limited by where things are with the production?" he asked Air Force and Navy officials.

Bunch told O'Halleran that he wanted to see Raytheon work through its difficulties with F3R, before increasing the AMRAAM budget line.

"Once we get that on track, I'd be willing to come down and ask you for additional help," he said. "We would love to buy more, sir, but I need them to get the production right because if we buy too many more and run out of parts on the line, then we don't have the ability to produce [them]."

"From the department of the Navy's perspective, we're in exactly the same place," said Vice Adm. Paul Grosklags, head of Naval Air Systems Command.

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 05 de julho

Link: <http://www.defesanet.com.br/cyberwar/noticia/26308/IAI-investe-em-duas-empresas-ciberneticas-na-Holanda-e-na-Hungria/>

Joint Leonardo-BAE munition could triple US Navy gun range*

ROME — A guided munition that BAE Systems and Italy's Leonardo are offering the U.S. Navy will triple the range of the Mk 45 guns installed on about 100 Navy vessels, keeping ships out of harm's way in littoral operations, a BAE official has said.

The two firms announced on June 28 they were partnering on adapting Leonardo's Vulcano munition for use with BAE's five-inch Mk 45 gun, as well as the 155-millimeter Advanced Gun System gun supplied by the firm for the U.S. Navy's Zumwalt class of destroyers.

"With this product, we can achieve a maximum range approaching three times the range of standard ballistic ammunition from the Mk 45 gun, which is in use with the U.S. Navy and 11 other navies around the world," said John Perri, business development director for advanced weapons at BAE Systems.

The Vulcano 127-millimeter, or five-inch munition, which Leonardo has been developing with the Italian Navy for use on its 127-millimeter Leonardo-built guns, is GPS controlled. Each projectile is given coordinates and links to satellites for guidance during flight.

Steering is undertaken through moveable fins that are protected during firing by a sabot, or jacket, that falls away after the munition leaves the barrel.

As a sub-caliber round, they also have a much higher muzzle velocity.

"That, in combination with fins and canards to generate lift, is why they can be effective at farther ranges," said Perri.

Leonardo has said the 127-millimeter Vulcano munition it currently offers for use on its own guns will reach a range of up to 100 kilometers.

“Better maximum range means more security for the ship since you can operate farther offshore, while the precision means you can complete more missions with fewer munitions, because the ship’s magazine capacity goes farther than it would with conventional munitions,” said Perri.

BAE and Leonardo started discussing a joint offer to the U.S. Navy after the Navy put out a request for information for a guided munition solution for the AGS gun on the Zumwalt destroyers last year, Perri said.

Citing cost overruns, the U.S. Navy last year cancelled the Long Range Land Attack Projectile program to develop a guided 155-millimeter munition run by Lockheed Martin and BAE.

“We have received very strong support from the Navy for the Vulcano proposal, and we have been invited to submit proposals,” he said.

The firms are also offering seeker technology, including a semi-active laser for picking out laser designated targets and an infrared seeker.

“The GPS is in final qualification testing with the Italian [Ministry of Defense], the semi-active laser is in the early stages of qualification testing and the IR seeker is in development testing,” said Perri.

The U.S. is reportedly also interested in guided munitions that use alternatives to GPS, given the growing risk of GPS jamming.

In 2104, Leonardo — then Finmeccanica — said it had spent 200 million euros developing guided munitions, encouraged by the Italian Navy, preferred the concept to missiles in the smaller spaces of the Mediterranean.

The firm has previously worked with Germany's Diehl Defence to test fire a 155-millimeter version of the munition using a German PzH 2000 howitzer.

BAE and Leonardo also hope to offer Vulcano for use with the M777 and M109 howitzers used by the U.S. military.

The U.S. Army currently uses the Raytheon Excalibur guided munition in the howitzers, but Perri said the Vulcano would offer greater range.

Fonte: Defense News

Data da publicação: 27 de julho

Link: <http://www.defensenews.com/smr/2017/07/27/dod-slashes-amraam-missile-buy-as-raytheon-struggles-with-tech-refresh/>

* Não mencionado o autor no texto.